

Lembranças e Negociações de Identidades no Município de Guaramirim/SC.

Gerson Machado
Universidade Federal do Paraná*

“Nós não vivemos numa espécie de vazio, no interior do qual podemos situar os indivíduos e as coisas. Nós não vivemos no interior de um vazio que ganha cores ora de um tom ora de outro; nós vivemos no interior de um conjunto de relações que definem locais irredutíveis uns aos outros e absolutamente não superponíveis”

(Michel Foucault. In: Espaços-outros: utopias e heterotopias)

Introdução

O Município de Guaramirim - palco de histórias de diversas ocupações – tinha, conforme dados do IBGE referentes ao Censo 2000, 23.794 habitantes, sendo 19.012 na zona urbana e, 4.782 na zona rural¹. Localizado no nordeste catarinense, na bacia do Rio Itapocu, registros oficiais apontam que o início do processo ocupacional de origem europeia deu-se por volta de 1872.²

Essa região, até o ano de 1943, era conhecida como 4º Distrito Bananal do Município de Joinville.³ Esta denominação ajudou a sustentar, até meados da década de oitenta, a alcunha de “Capital da Banana”. Para alguns moradores mais antigos⁴, o tempo em que a região era conhecida com este nome, é lembrado com saudosismo e indignação, pelo fato da mudança de nome ter ocorrido de uma forma abrupta e pela percepção das mudanças ocorridas na paisagem e nos espaços de relações. *Agora eu não sei. Mudaram tudo quanto foi rua do lugar. Aqui na Caixa D'Água não mudaram também? Mudaram tudo. Não sei de onde veio mudando, trocando de nome feito bobo. E era Bananal, tinha banana na beira da estrada, o pessoal vivia mais da banana. Da beira do mato da estrada era banana e agora é cidade. Tiraram o nome e agora a gente diz bananal; que bananal é?, dizia uma antiga moradora, Dona Chica⁵. Do alto dos seus noventa e nove anos, perplexidade e dúvida. Naquele momento Dona Chica percebeu que o tempo passou e o que ela toma como*

* Aluno do Curso de Pós-Graduação em História – Mestrado, orientado pelo Prof. Dr. Antônio Cesar de Almeida Santos

¹ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades@**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?codmun=420650r=1>> Acesso em: 07/02/2002.

² MACHADO, Andréia e GUEDES, Sandra P.L. de Camargo. A colonização de Guaramirim. In: **Caderno de Iniciação à Pesquisa: História**. Joinville: UNIVILLE, nov., 1999, p.34.

³ Neste ano o Distrito Bananal recebe a denominação de Distrito de Guaramirim.

⁴ Foram utilizadas entrevistas com moradores que sempre viveram na localidade, com o intuito de conhecer um pouco mais como elas percebem as identidades e as diferenças. As entrevistas utilizadas neste artigo fazem parte do projeto de pesquisa: “Memória e Imaginário no Distrito Bananal – atual Município de Guaramirim/SC – (décadas de 1930-1940): Um olhar a partir da oralidade”.

⁵ MARTINS, Francisca. **Entrevista**.13 de fev. de 1999. (Deste ponto em diante a entrevistada será identificada pelo pseudônimo de D. Chica, a forma como ela era conhecida pela comunidade). As falas dos entrevistados estarão

lembrança, deixava-a distante daquilo que um dia foi e do qual ela era, até então, uma das poucas testemunhas vivas.⁶ Tomar distância é uma forma de compreender melhor aquilo que nos é familiar. Walter Benjamin percebeu que o espaço familiar de sua cidade, Berlim, tomou outras compreensões ao ele se encontrar distante, numa cidade diferente.⁷ Paradoxalmente, a compreensão de Dona Chica, de que aquilo que parecia-lhe comum a tornara distinta do que ela é, não se deu pelo distanciamento do lugar, mas sim pelo tempo transcorrido desde então.

O 4º Distrito de Bananal do Município de Joinville era uma denominação usada, também, em documentos administrativos municipais e da administração da Colônia Dona Francisca. Até o ano de 1948, o já renomeado Distrito Guaramirim (ocorrida em 1943) tinha uma dependência administrativa e política em relação a Joinville. Ainda em 1948 ele passa a compor o Município de Massaranduba e, em 1949, emancipa-se tornando-se o Município de Guaramirim.

Tendo como referência este território, interessa-nos saber como os diversos grupos étnicos que o ocuparam negociaram e construíram seus espaços de vida.⁸ Sobretudo, interessa saber como algumas relações de etnicidades se constituíram nas décadas de 30 e 40, analisando as lembranças das pessoas entrevistadas. Entretanto, sabe-se que o trabalho de lembrar se faz matizado por tudo aquilo que constitui a pessoa. Ao lembrarem-se do período supracitado, os entrevistados o fazem com “olhos” do presente, do momento da entrevista. Possivelmente, se eles o fizessem uns dez anos antes, seus depoimentos, não seriam os mesmos. Portanto, não se tenta perseguir “a verdade”, mas sim, como os indivíduos lembram, como eles atribuem significados aos diferentes momentos da ocupação da região.

Espaço é um conceito polissêmico. Nesta comunicação, entende-se que ele é um conjunto composto de diversos elementos que se mesclam e se interpenetram. São os objetos naturais e sociais, preenchidos de significados e relações constituidoras das sociabilidades.⁹ A memória é, sem dúvida, o lugar de onde partem esses significados. Ela estabelece uma interação entre os processos de formação individual, coletivo, e espacial.¹⁰ Nota-se que espaço é um conceito que difere do lugar. Este remete-se a uma relação direta de identificação e pertencimento, de um sujeito e/ou

destacadas em itálico. As mesmas se apresentam de forma editada. Na maioria dos casos é mantida a fala coloquial. Optou-se por usar o nome real dos depoentes, mediante o aval dos mesmos.

⁶ Dona Chica faleceu pouco tempo depois de conceder a entrevista, em setembro de 1999.

⁷ A viagem que ele fez a Moscou foi registrada por ele no livro **Diário de Moscou**. BENJAMIN, Walter. **Diário de Moscou**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

⁸ Por “espaço de vida”, ou lugar, entendemos tudo aquilo que permanece, o que é físico, aquilo a que se atribui significados “... lugar é objeto ou conjunto de objetos” (SANTOS, Milton. **Espaço & Método**. São Paulo: Nobel, 1985, p.2).

⁹ “O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento (...) a sociedade é um conjunto de possibilidades”. SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 5ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997, pp.26-27.

¹⁰ Ver: DEMBICZ, Andrzej. Espacio, memoria, identidad, IN: LEMOS, Maria Teresa Torfio Brittes e MORAES, Nilson Alves de (orgs.). **Memória e identidade**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000, pp.15-26.

grupo, a um determinado conjunto de elementos; enquanto aquele transcende e aponta, inclusive, para aquilo que se discrimina e se distancia. Os significados que ligam o homem ao “tecido social” são estabelecidos pelas memórias, e têm uma concretude que é o espaço, e as relações. Optou-se pelo termo memória no plural, pois há muitos fenômenos que são denominados de memória. De forma breve pode-se indicar a memória na sua forma mais ampla, multiforme, multifaceta e que escapa à razão. Ela é, portanto, repositória de todas as experiências humanas. Há a memória trabalhada, burilada, que se apresenta como um discurso homogeneizador, produtor de uma identidade, sendo o Estado o seu maior beneficiário. Em que pesem as distinções, elas não se separam nem se complementam, elas nutrem-se de significados na medida em que são vivenciadas.¹¹

Para Michel Foucault, o espaço é heterogêneo e a história deve percebê-lo, partindo de um olhar múltiplo, buscando nos elementos daquilo que é considerado pela razão como sendo o seu outro, ou seja, a desrazão, a efetivação de contralugares que, apesar de opostos à racionalidade oficial, é nela mesma que eles se efetivam. Esses contra lugares possuem duas formas de se manifestarem que podem ser denominadas de utopias e heterotopias. O primeira teria a marca da imaterialização, isto é, seriam espaços concebidos, mas que não foram efetivamente constituídos. São lugares sem espaço real e mantém com a sociedade uma relação geral de analogia direta ou invertida. Já, as heterotopias, seriam espaços que de fato existem nas culturas mas que, de forma análoga à utopia, são constituídos por relações outras, que escapam à luz da oficialidade. São, portanto, reais. São encontrados dentro da cultura. São representados, contestados e invertidos. Eles estão localizados em outros lugares. É o outro em relação ao mesmo, ao idêntico.¹² Este tipo de compreensão é bastante útil ao tomarmos as fontes orais, à medida em que elas são reveladoras de espaços diferenciados daqueles que os documentos escritos normalmente nos propõe. Assim, faz sentido consideramos as fontes orais não enquanto um paliativo à falta de um *corpus* documental escrito, mas sim enquanto um outro tipo de fonte que possibilita ao historiador enxergar determinados problemas de outras formas.

Coabitavam no território do Distrito de Bananal indivíduos de origem teuto-brasileira, alemã, polaca, russa, italiana, turca, negra, lusa e brasileira. Ainda hoje, apesar de todas as tentativas de “nacionalização” ou “abrasileiramento”, é possível encontrar pessoas e grupos que se identificam com uma ou outra destas etnias¹³. Pensar as etnicidades enquanto um recurso de identificação política de um grupo e ou indivíduo é concebê-las dentro de uma determinada configuração social

¹¹ Estas reflexões inspiram-se em produções como: DECCA, ORTIZ, SCHWARTZ, BOSI.

¹² Ver: FOUCAULT, Michel. Espaços outros: utopias e heterotopias. In: **Revista Outra**. N.01, Londrina, Jun. 1984.

¹³ A respeito da integração dos estrangeiros à suposta cultura nacional ver: ORTIZ, WILLEMS, SCHWARTZ, CAPELLATO e DECCA.

onde o espaço, é compreendido como o contexto onde este fenômeno pode ser observado. Deste contexto são extraídos os elementos constituidores das diferenças e das identidades. Neste sentido, Stuart Hall, em **A identidade cultural na Pós-modernidade**, ao analisar o “descentramento do sujeito”, parte, entre outros aspectos, da explosão dos movimentos sociais, que desde a década de sessenta, passaram a reivindicar o direito à diferença, constituindo-se em grupos de acordo com suas especificidades identitárias. A etnicidade não está pronta e acabada. Seus significados não são únicos e os mesmos durante o tempo todo e para todas as pessoas. Ele discute, também, como as identidades estão sendo negociadas num mundo onde a globalização não se dá mais somente ao nível econômico mas, principalmente, ao nível cultural, de relacionamento e comunicação entre indivíduos, os mais diferentes possíveis. Esta relação está marcada por uma proximidade e uma possibilidade de interação, como nunca tinha se visto em toda a história. A instantaneidade e a simultaneidade alteraram, significativamente os elementos disponíveis para os indivíduos perceberem as diferenças e se constituírem enquanto identidades, à partir da intensificação da globalização, que constitui o que HALL denominou como “modernidade tardia”.

Esta variação, assume contornos políticos pois, assumir ou distanciar-se de uma determinada etnicidade pode garantir vantagens ou prejuízos. Manuela Carneiro Cunha, num outro local e numa outra temporalidade, observa como a comunidade de negros brasileiros que retornaram à África assumem ora uma identidade ora outra, de acordo com o lugar em que se estabeleceram. Um grupo retornou à cidade de sua origem e retrçou sua parentela, os costumes tradicionais e a identidade. Outro, a fim de conseguir se relacionar com o interior e driblar os meandros que desfavoreciam os negócios com o litoral, assumiu sua identidade de membros das cidades-Estado; no litoral, assumiu a condição de *repatriate*. Um terceiro grupo fixou-se nas cidades costeiras e assumiu plenamente os elementos constituidores de sua brasilidade: a fé católica, a língua portuguesa, a arquitetura, pois isto oferecia grandes oportunidades de comércio.¹⁴ A etnicidade, porém, não é sinônimo de cultura, apesar desta oferecer os elementos constituidores dos arranjos da etnicidade. É sim um discurso que justapõe diferenças. Ela é “...uma categoria “nativa”, isto é, usada por agentes sociais para os quais ela é relevante...”.¹⁵ É um discurso político que organiza as relações, estabelecendo as diferenças em contraposição ao discurso de unificação de identidade empreendido, sobretudo pelo Estado.¹⁶

¹⁴ CUNHA, Manuela Carneiro da. Religião, comércio e etnicidade: uma interpretação preliminar do catolicismo brasileiro em Lagos no Século XIX.. In: _____. **Antropologia do Brasil**. São Paulo: Brasiliense: Editora da USP, 1986. p. 85-96.

¹⁵ CUNHA, Manuela Carneiro da. Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível. In: _____. **Antropologia do Brasil**. São Paulo: Brasiliense: Editora da USP, 1986. p.107.

¹⁶ BARTH e CUNHA defendem a idéia de que a etnicidade é um dado negociável, com limites que podem ser ultrapassados sem significar a anulação de um determinado grupo. São antes de tudo uma forma de perpetuação dos mesmos. BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne.

Resignificando relações

Rosa Schmidlin, agricultora, é uma mulher de setenta e sete anos de idade, descendente de teuto-brasileiros com os quais se identifica. Moradora de uma localidade, distante cerca de 9 km do centro do Município de Guaramirim, denominada Caixa D' Água. Sua casa está localizada a uns 500 metros da rua principal, no meio da vegetação, o que para os padrões de estabelecimento de moradores na localidade é bastante diverso, já que a maioria opta por viver bem próxima à rua principal. Este distanciamento dos moradores do local, não é um dado do acaso. É uma opção que além de lhe reservar uma certa tranquilidade, evita a convivência com vizinhos indesejáveis. Atualmente, próxima a sua propriedade, há uma indústria de fundição de metais, uma rodovia, arroteiras e vizinhos do grupo étnico italiano. Na Caixa D' Água há famílias alemãs com as quais ela não mantém relações de vizinhança. É importante ressaltar que estas famílias são de religião católica. Dona Rosa e sua família são de religião protestante e, mantêm laços de comunidade com seus irmãos de fé, moradores em outras localidades. A ida ao culto é a oportunidade de se socializar com este grupo e, normalmente, acontece uma vez por semana na sede da Paróquia da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, no centro de Guaramirim.

Portanto, as relações externas à família dá-se com um grupo distante, em detrimento dos seus vizinhos mais próximos, com os quais não compartilha nenhum laço de identidade. Dona Rosa não tem mais esta prática, em virtude das limitações dadas por seu estado físico, cabendo a sua filha a obrigação de representar o grupo familiar nos cultos dominicais. Ao lembrar dos tempos passados na localidade da Caixa D' Água, ela o faz com saudosismo, pois apesar das diferenças étnicas ela considerava o grupo, composto, segundo ela, de caboclos e alemães, honestos e trabalhadores ... *mas enquanto que eram só os brasileiros né, como diz... caboco né; aí era tudo unido assim. Se a gente, fosse até a festa lá..., era tudo mais unido. Mas depois não. Com os italianos não. Eles olham a gente de lado, não gostam muito.*¹⁷

A presença de italianos na Caixa D' Água ocorreu tempos depois, por volta da década de cinquenta e, foi marcada pela desestruturação das relações de vizinhança estabelecida, até então, *Quando começou aqui é quando começou essa igreja aqui que eles tem. Logo, ali então vieram os*

Teorias da Etnicidade. 1. ed. São Paulo: EDUSP, 1998 p.187-227. CUNHA, Manuela Carneiro. **Antropologia do Brasil.** São Paulo: Brasiliense/Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

¹⁷ SCHMIDLIN, Rosa. **Entrevista.** 05 de fev. de 2000. É importante notar como a construção da fala da moradora se dá de forma truncada, para os padrões da língua portuguesa. Ela é bilingüe pois, além do português, ela fala o alemão. O uso do alemão é um dos elementos constituidores da etnicidade deste grupo. O português só é usado com quem não fala o idioma alemão e, está marcado por características de pronúncias, construção frasal, entre outros aspectos, do idioma germânico.

*italianos e os brasileiros se mandaram. Não se deram.*¹⁸ Aqui a religião deixou de ser um fator de aproximação entre, os denominados pela entrevistada, de brasileiros e italianos. Ela lembra do diálogo que teve com um dos moradores que foi embora, segundo ela, devido à chegada dos italianos *Foram tudo embora. Ai chamaram ele de cego, o José Pelissa, e eu disse a ele: nós não vamos sair daqui! - Não, vocês não precisam, ele disse, porque vocês não são católicos. Mas quem é católico e não é italiano não fica. E foram mesmo, foram embora.*¹⁹

No caso em questão, os estabelecidos não resistiram à investida dos novos moradores (italianos) e foram embora. Norbert Elias, na obra **Os estabelecidos e os outsiders**, discute os recursos que o grupo estabelecido, há mais tempo, no bairro Winston Parva, em Londres, usou para se sobrepor aos *outsiders*²⁰, aqueles residentes há menos tempo.²¹ Para ele, a observação principal é perceber como o jogo de poder se estabelece entre os grupos distintos, e que recursos um grupo usa para se sobrepor ao outro. A calúnia e a fofoca são elementos importantes, que se forem estrategicamente utilizados abala a auto-estima do grupo que é vítima. No caso londrino, os dois grupos dividiam o mesmo espaço, e a única diferença entre eles era o tempo de permanência. A identificação e a superioridade dos estabelecidos era construída paralelamente à exclusão e à estigmatização dos *outsiders*.

A inserção de novos colonos na localidade em que D. Rosa vivia, gerou/gera estranhamentos e conflitos que, poderíamos qualificar como próprios da etnicidade, já que a entrevistada entra em embate com o diferente. Ela ainda atribui a uma família, italiana, a culpa pelo desrespeito à propriedade e à organização espacial do cultivo e da pecuária. Segundo ela, o descuido que esta família tinha com os animais, no caso porcos, acabava danificando o seu roçado. Mesmo depois da família ter sido avisada a fim de tomarem providências, nada foi feito. Diante disto, o seu falecido marido enxotou um porco que estava estragando a plantação, desferindo-lhes um golpe com um garfo, instrumento utilizado comumente para rastelar o capim. Essa ação gerou uma grande polêmica em toda a comunidade, reforçando para alguns o caráter pouco louvável dos italianos e, para outros, a intransigência e a brutalidade do alemão. Relações essas que apresentam uma disputa entre diferentes grupos. Tem-se, afinal, a criação de estereótipos, que fazem parte das relações presentes na comunidade.

¹⁸ SCHMIDLIN, *Idem*. É importante o uso do termo **eles** para diferenciar os imigrantes italianos dos moradores já residentes na localidade.

¹⁹ SCHMIDLIN, *Idem*.

²⁰ Termo em inglês para designa o novo no lugar, o forasteiro.

²¹ ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L.. **Os estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

Considerações Finais

A tradição cultural serve, por assim dizer, de “porão”, de reservatório onde se irão buscar, à medida das necessidades no novo meio, traços culturais isolados do todo, que servirão essencialmente como *sinais diacríticos* para uma identificação étnica. (CUNHA)

A ocupação do espaço no Distrito de Bananal é relativamente recente, com pouco mais de um século. Muitos significados se perderam e outros são reatualizados pelas lembranças daqueles que vivenciaram transformações no decorrer de toda a sua vida, já que sempre moraram na região

Permanece ainda a hipótese de que a constituição de espaços étnicos no Distrito Bananal assume a caracterização proposta por BARTH²², em que os limites entre um grupo e outro são negociáveis. Essa negociação, entretanto, se faz com o que CUNHA denominou de “porão”, ou “cultura residual”, elementos que fazem parte da bagagem do sujeito ou grupo e, que podem ser içados para servirem como marcas constituidoras da sua etnicidade frente ao diferente. Ainda, pode-se considerar que no momento da negociação das etnicidades “um mesmo grupo pode usar identidades diferentes, dependendo do interesse específico que quer explorar”.²³

A etnicidade se faz com as pessoas, e para elas. Ela não é um dado estrutural que corrobora com a nacionalidade oficialmente construída. É algo com o qual as pessoas se sentem cúmplices, constituindo, os espaços outros, utópicos e heterotópicos.²⁴

As pessoas, quando do momento da entrevista, manifestam-se pertencentes a um determinado grupo, não como se apresentava há 30, 40, 50 anos ou mais, pois, como tudo o que é humano, está perpassado pela transitoriedade e pela dinamicidade. Neste sentido, a etnicidade dos grupos que ocuparam o Distrito de Bananal é um dado contemporâneo porque ela é ainda presente e vivenciada. Para finalizar “o tempo provavelmente não aparece mais do que como um dos jogos de distribuição possíveis entre os elementos que se acomodam no espaço”.²⁵

²² BARTH, Fredrik. *Op. Cit.*

²³ CUNHA, Manuela Carneiro. *Op. Cit.*

²⁴ POUTIGNAT e STREIFF-FENART. *Op. Cit.*

²⁵ FOUCAULT, Michel. *Op. Cit.*, p. 19.

REFERÊNCIAS

Entrevistas

MARTINS, Francisca. 13 de fev. de 1999.

SCHMIDLIN, Rosa. 05 de fev. de 2000.

Internet

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades@**. Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?codmun=420650r=1>> Acesso em: 07/02/2002.

Bibliográficas

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. 1. ed. São Paulo: EDUSP, 1998.

BENJAMIN, Walter. **Diário de Moscou**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CUNHA, Manuela Carneiro. **Antropologia do Brasil**. São Paulo: Brasiliense/Editora da USP, 1986.

DECCA, Edgar Salvadori de. Memória e cidadania. IN: DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE SÃO PAULO (Cidade). **O direito à memória**. São Paulo: DPH, 1992. p.128-136

DEMBICZ, Andrzej. Espaço, memória, identidade, IN: LEMOS, Maria Teresa Toríbio Brittes e MORAES, Nilson Alves de (orgs.). **Memória e identidade**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000. p.15-26.

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L.. **Os estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

MACHADO, Andréia e GUEDES, Sandra P.L. de Camargo. **A colonização de Guaramirim. In: Caderno de Iniciação à Pesquisa: História**. Joinville: UNIVILLE, nov., 1999.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. 1. ed. São Paulo: EDUSP, 1998.

SANTOS, Milton. **Espaço & Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 5ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

SCHWARTZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

WILLEMS, Emílio. **A aculturação dos alemães no Brasil**. 2.ed. São Paulo/Brasília: Ed. Nacional/INL, 1980.